

Os acertos com os mexicanos

por Severino Góes
de Brasília

"Petróleo, dinheiro, ouro, prata, mercadorias, tudo tem valor." Desta forma, o presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, respondeu a uma pergunta sobre como o governo do México vai pagar os US\$ 60 milhões que deve à Petrobrás. Admitindo que o pagamento seja feito em petróleo, Ueki disse que, se as negociações forem concretizadas, é possível que a Petrobrás seja menos atingida pelos cortes nas importações, definidos para 1983. "Isto facilitaria muito. US\$ 200 milhões", disse — referindo-se à dívida total do México para com empresas brasileiras —, "são um milhão de toneladas de petróleo."

O presidente da Petrobrás esteve ontem, em Brasília, para uma reunião — fora da agenda — com os ministros da Fazenda e interino do Planejamento, Ernane Galvêas e José Flávio Pécora, aos quais relatou o resultado de sua recente viagem ao México. Ele adiantou que vai voltar ao México ainda este mês para discutir o assunto, é possível que converse com o sucessor de José Lopez Portillo, Miguel de La Madrid, que assume no dia 1º de dezembro. Ueki disse ter sentido boa vontade por parte das autoridades mexicanas em resolver o problema, de forma a não afetar o comércio bilateral.

PRAZO

O presidente da Petrobrás tem esperanças de que o assunto seja resolvido em curto prazo. A solu-

ção, diz ele, é "altamente conveniente" para o comércio bilateral, porque, no ano passado, por exemplo, o Brasil comprou US\$ 750 milhões e vendeu US\$ 650 milhões ao México. "O México está enfrentando muitas dificuldades, mas, mesmo assim, nós acreditamos no futuro daquele país. E altamente conveniente que estas contas atrasadas sejam acertadas, que essa pedra no caminho do comércio bilateral seja removida", acrescentou.

Shigeaki Ueki disse que a Petrobrás tem sido procurada por outras empresas nacionais interessadas em que ela atue como intermediária na cobrança de débitos junto ao governo mexicano. No caso de os US\$ 200 milhões de dívidas serem pagos em petróleo, a Petrobrás repassaria o resultado das vendas do petróleo, em

cruzeiros, para estas outras empresas. "Nós estamos preocupados com a situação que muitas empresas privadas estão enfrentando", disse o presidente da Petrobrás, lembrando que um tradicional fabricante de bens de capital e fornecedor mexicano — a Nardini — pediu concordata por não ter recebido em dia.

VENEZUELA

Já a situação com a Venezuela é mais tranqüila, na opinião do presidente da Petrobrás. Daquele país, a estatal tem a receber entre US\$ 70 milhões e US\$ 80 milhões. "Ela (a Venezuela) não está enfrentando os mesmos problemas do México", comentou. Segundo ele, com a recente decisão do governo venezuelano de unir as reservas cambiais de todas as empresas devedoras, "não haverá problemas de recebimento". A

Petrobrás ainda não recebeu o que a Venezuela lhe deve. "Mas recebi um telefonema de Caracas de que as últimas providências estão sendo tomadas e a importância será paga" (ver ao lado).

A Petrobrás, segundo seu presidente, vem procurando enquadrar suas atividades na política de austeridade que o governo pretende implantar a partir do próximo ano. Não existe meta para importação de petróleo, mas a dependência externa deve ser reduzida substancialmente, disse Ueki. Até o final do ano, a dependência deve ser reduzida — por causa do aumento da produção interna e de maior oferta de álcool — para 63%. "Cada ponto percentual significa cerca de US\$ 125 milhões de economia de divisas. Aproximadamente 10 mil barris", concluiu.